

Apresentação

O tema deste número, *África: novos percursos*, tem por objetivo dar conta das perspectivas culturais, literárias e lingüísticas tanto do continente africano quanto de suas variadas diásporas, sobretudo na América. Das literaturas africanas resalta o grande número de artigos sobre a produção dos países de língua portuguesa, área de pesquisa que tem avançado tanto no Brasil quanto em Portugal.

Inocência Mata, em "*Even Crusoe needs a Friday: os limites dos sentidos da dicotomia universal / local nas literaturas africanas*", desenvolve reflexão sobre a crítica literária no universo das literaturas africanas, em específico nos países de língua oficial portuguesa, propondo-se a discutir os conceitos de universal e local e a forma como tais conceitos têm sido utilizados no contexto africano. Propõe, ainda, como pano de fundo para a discussão que enceta, um questionamento acerca da inadequação do modelo eurocêntrico para a compreensão crítica das literaturas ditas periféricas, suspeitando, sobretudo, da utilização de categorias presentes em novas articulações teóricas – tais como as de "crioulidade", "pós-colonial", "hibridismo", "identidades sem fronteiras" – como instrumentos capazes de reforçar os "lugares de hegemonia já cativos".

Laura Cavalcante Padilha, em "*A arte de vestir africanamente brancos manequins*", propõe-se a refletir sobre a existência de sujeitos histórico-culturais fracionados pelo constante jogo entre o movimento da globalização e o persistente esforço por manter vivo o legado cultural de seus povos. Para tanto, centra-se na leitura de dois romances paradigmáticos – *O manequim e o piano*, do angolano Manuel Rui, e *O sétimo juramento*, da moçambicana Paulina Chiziane – e busca articular os conceitos de migração (CORNEJO POLAR), e de mestiçagem (GRUZINSKI), aqui compreendido como um processo cultural em que elementos distintos, após passarem por um percurso de enfrentamento e oposição, acabam por se interpenetrarem. O romance, como gênero, é apresentado a partir da metáfora do manequim que, vestido de diversas formas, mantém-se, contudo, associado ao universo cultural ocidental. Na produção africana, todavia, é possível perceber o atravessamento de modelos textuais da oralidade, que acabam por reforçar o jogo entre o local e o global e por assinalar uma produção literária que deseja manifestar-se em diferença.

Maria Nazareth Soares Fonseca, em “Percurso da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa”, considerando os questionamentos de Huyssen acerca da obsessão pela memória como característica própria dos tempos atuais, explora o conceito de “lugares da memória”, cunhado por Pierre Nora em *Les lieux de mémoire*, para problematizar as estratégias desenvolvidas por alguns textos de autores angolanos e moçambicanos no sentido de recuperar dados das tradições orais. Privilegiando a produção de Ruy Duarte de Carvalho — notadamente marcada pelo diálogo com a Antropologia, em diversos níveis —, mas espraiando-se também pela leitura de Paula Tavares, Luandino Vieira, Mia Couto e João Paulo Coelho Borges, a ensaísta assinala a presença na África de uma literatura preocupada com a preservação de tradições, mas consciente de que, para isso, deve necessariamente lidar com ruínas e restos que se constroem como ilusão de permanência.

Elizabeth Robin Zenkner Brose em “A máscara do texto: duas obras de Pepetela”, analisa dois romances do premiado escritor angolano — *A gloriosa família* e *Lueji* — com o objetivo de destacar o trabalho desenvolvido pelo autor em relação à instância narrativa, atribuindo a ela um caráter diversificado. O ensaio evidencia a presença de um jogo em que romance e leitor entram em negociação: há um trânsito por gêneros, discursos e contextos culturais, demonstrando a presença de narradores plurais que, ao passarem pelo processo de combinação, mais do que apagar suas diferenças, procuram colocá-las em diálogo.

Vima Lia Martin, em “O otimismo militante de Luanda”, analisa a perspectiva utópica de José Luandino Vieira, escolhendo *Luanda*, livro de contos publicado na década de sessenta, como paradigma de sua produção. Recorrendo aos conceitos de *norma* e *conduta*, investiga o uso que o autor faz da marginalidade em sua obra; por outro lado, enfatiza a busca ideológica de uma diferenciação em relação à língua da metrópole e ressalta a constituição, nos textos do autor, de um projeto estético-ideológico que evidencia a crença na potencialidade humana inerente ao indivíduo, aqui concebido como ser livre e capaz de viabilizar um caminho utópico em virtude de suas próprias escolhas. Valoriza-se, assim, a afirmação de um saber ético que, aliado à profunda consciência estética da língua, manifesta-se como instrumento para a superação de impasses e a ressignificação de valores.

Simone Schmidt, em “Uma casa chamada exílio”, apresenta leitura dos romances de Mia Couto, *Terra sonâmbula* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, para neles surpreender a presença de elementos que apontam para uma re-

flexão sobre o exílio. Referindo-se ao sentimento, indicado por Stuart Hall, de que “não estamos em casa”, Schmidt recupera a visão de exílio delineada pelas discussões de Edward W. Said acerca do tema, compreendendo-o como uma forma de estar-no-mundo caracterizada pela permanente desadaptação. Nessa linha, e mantendo a trilha do intelectual palestino, evidencia o caráter contrapontístico do viver exilado, que reúne aprendizagem e dor, o estar aqui e lá simultaneamente, para realçar as personagens com que trabalha como seres que oscilam entre “o lugar de fora e de dentro de suas culturas”, ocupando um espaço fronteiro.

Evandro Luís Von Sydow Domingues, em “Seis olhares sobre *Um estranho em Goa*”, faz uma reflexão sobre o romance de José Eduardo Agualusa em que os conceitos de mestiçagem e hibridação servem de instrumentos para investigar tanto o modo como o autor angolano problematiza, em seu texto, os conceitos de identidade e nação, quanto o percurso de uma escrita que se propõe como jogo entre a ficção e o relato de viagem. Apresenta, assim, o que denomina “poética mestiça”. Para além disso, o ensaio de Evandro Luís avança em direção ao problema da identidade cultural em Goa e estabelece pontes entre as questões evidenciadas no romance de Agualusa e as que podem ser lidas no conto “Subvenção” da escritora goesa Vimala Devi, ressaltando o intenso processo de negociação de sentidos que se estabelece em ambas as obras.

Os autores de língua inglesa que ganharam o prêmio Nobel, Wole Soyinka, Nadine Gordimer e J.M. Coetzee são o objeto de análise de Eliana Lourenço de Lima Reis, que considera que o Nobel dá maior visibilidade aos escritores, projetando o papel de intelectual que eles podem exercer na cena internacional. Ela dá destaque ao sentido e ao valor político do prêmio, privilegiando a trajetória de Soyinka, o primeiro africano e também o primeiro negro a ter recebido o Nobel.

No artigo “Sobre os Dogon: a terra, os cantos de YaSegei”, Cláudia Neiva de Matos faz uma instigante narrativa de sua experiência na terra Dogon (Mali) numa perspectiva etno-poética. Ela traça um histórico das pesquisas antropológicas realizadas pelos franceses na região, notadamente por Marcel Griaule e seus discípulos, em seguida revela as dificuldades de seu empreendimento de recolher cantos femininos, que são traduzidos para o francês, com a ajuda de um mediador falante tanto do francês quanto da língua da recitante e em seguida são vertidos para o português. No final do artigo, ela fornece alguns exemplos de cantos.

Ângela Lamas Rodrigues, em “Dominação e resistência na África: a questão lingüística”, demonstra que a oficialização de línguas européias, principalmente a inglesa, no período pós-

independência de diversos países africanos, é um instrumento neocolonial de poder que põe em evidência projetos políticos de dominação e homogeneização cultural. Nesse universo, portanto, promover e resgatar as línguas maternas africanas é uma forma de resistência cultural e política que busca estimular o fortalecimento de diversas culturas marginalizadas desde o período colonial e acentuar o processo de democratização do continente, estimulando a crescente participação social e política da população mais pobre. A luta pela valorização das línguas maternas africanas é apresentada, assim, como prática revolucionária capaz de contribuir para diminuir os dilemas enfrentados pelos países africanos nos dias de hoje.

Já Bethania Mariani, no artigo "A língua como questão nos primórdios da história da colonização africana: a *Crônica da Guiné*, de G.E.Zurara, tem uma perspectiva histórica ao fazer um estudo sobre a língua portuguesa nos primórdios da colonização portuguesa na África, através da abordagem de um livro, cujas representações fornecem subsídios para se pensar a relação entre língua e a alteridade.

Margarida Maria Taddoni Petter, em seu artigo sobre as línguas africanas no Brasil, faz uma exploração tanto sincrônica quanto diacrônica da questão, estabelecendo um inventário muito detalhado sobre a bibliografia crítica existente em plano nacional e internacional. As línguas africanas transplantadas aqui passaram por diferentes fases e processos e hoje seu uso está presente nos rituais do candomblé mas também em determinadas comunidades remanescentes dos quilombos, dentre as quais se destaca a de Cafundó, a mais amplamente estudada.

As noções de diáspora, fronteira e viagem são tratados no artigo de Stelamaris Coser "A diáspora africana nos versos de Ntozake Shange", escritora norte-americana que faz em seus *choreopoems* (poemas coreografados) conexões interamericanas a fim de demonstrar sua solidariedade com os afro-descendentes de todo o continente (Haiti, Brasil). A autora recusa qualquer visão mítica e nostálgica da África, apontando antes para os processos de violência que deram origem a novos sujeitos, marcados por hibridismos.

Roland Walter, em "Voicing Memory and History: Diaspora Consciousness in Contemporary Fiction by New World African Writers", também explora a consciência diaspórica nos seguintes escritores afro-descendentes: Toni Morrison (Estados Unidos), Maryse Condé (Guadalupe/Caribe), Patrick Chamoiseau (Martinica/Caribe), Dionne Brand (Canadá), Emile Ollivier (Haiti/Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil), que trabalham em seus romances os sentimentos de dispersão, deslocamento e despossessão. A questão identitária ligada à (re)apropriação do espaço histórico, mental, corporal

e discursivo é tematizada através de representações problematizadoras do lar.

Eurídice Figueiredo procura mostrar como Dany Laferrière, escritor originário do Haiti, que emigrou para o Canadá, constrói uma obra romanesca de fundo autobiográfico, desmascarando os estereótipos sobre o negro através do humor, do mesmo modo que Yinka Shonibare, artista plástico de origem nigeriana nascido em Londres, explora sua auto-imagem sob a forma provocadora de dândi negro.

Jovita Maria Gerheim Noronha explora as estratégias narrativas que Patrick Chamoiseau usa a fim de tematizar a intercessão entre o romance e a etnografia numa obra que tem como principal eixo as dificuldades de se transpor em linguagem escrita e literária as expressões orais e coletivas da comunidade antilhana. Este artigo dialoga com o de Maria Nazareth, que desvela como Ruy Duarte de Carvalho retrabalha em seus poemas os vestígios de memória dos grupos étnicos africanos.

Maria Cândida Ferreira de Almeida, no artigo "Callaloo e Caruru: em busca do legado africano nas comidas-identidades do Atlântico Negro", estabelece paralelos entre o callaloo, prato nacional de Trinidad e Tobago, e o caruru, prato típico baiano, que está intimamente associado ao candomblé. Segundo a autora, os dois pratos de origem africana, com receitas bastante semelhantes, e cujos nomes remetem à mesma etimologia, teriam uma função de marca identitária, assim como a música, o candomblé e o carnaval, aspectos da vida cultural que já foram bem mais explorados do que a culinária.

Zilá Bernd faz uma resenha do livro de Rita Olivieri-Godet sobre João Ubaldo Ribeiro, destacando que a autora estabelece relações entre estratégias narrativas e figurações identitárias, sem cair em uma visão essencialista da identidade.

Eurídice Figueiredo
Sílvia Renato Jorge
(Organizadores)